

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS, DIÁLOGOS E REFLEXÕES.

Marcos Jerônimo Dias Júnior
Universidade Federal de Goiás
Comunicação
Cultura e processos educacionais

Se na educação básica, que possui turmas mais homogêneas, interesses e necessidades mais próximos entre os alunos e, faixa etária de fácil identificação, o cenário já se mostra grave para a educação e para a educação física em particular. Na modalidade de educação de jovens e adultos no ensino noturno, a inexistência destas possibilidades referenciadas, torna-se desafios para a prática pedagógica do professor. Este projeto de pesquisa/intervenção se insere nesta discussão com o objetivo central de conhecer melhor os sujeitos da modalidade de educação de jovens e adultos e, em ação contínua, juntamente com o coletivo de participantes, iniciar uma reflexão de alternativas coletivas junto ao ensino da educação física escolar, na educação de jovens e adultos. O estudo objetivou conhecer características e aspectos dos sujeitos, suas concepções à cerca da educação física e utilizando-se do trabalho coletivo através de uma investigação participativa, a construção e reflexão de uma prática pedagógica emancipatória do professor de educação física, na E. J. A. O trabalho baseou-se nos princípios da problematização de Paulo Freire que partem da própria experiência do aluno, articulado aos temas ligados à cultura corporal. Os resultados da experiência foram positivos demonstrando que os trabalhos coletivos podem apontar novos caminhos na superação de determinados obstáculos, desafios e na formação da consciência participativa dos alunos.

Palavras-chave: Educação física, educação de jovens e adultos e prática pedagógica.

Em busca de um novo ponto de partida.

A reflexividade, neste estudo, tem o interesse de produzir algo indagando um objeto que é pouco discutido e pesquisado no âmbito acadêmico, a educação de jovens e adultos. Com o objetivo geral de conhecer melhor a educação de jovens e adultos, seus aspectos históricos, possíveis tendências pedagógicas da educação física nesta modalidade de educação, o contexto sócio-cultural dos alunos, construindo um perfil do alunado e suas impressões sobre a disciplina. Incluindo a identificação dos principais problemas e dificuldades na prática pedagógica, proporcionando uma reflexão de alternativas ao ensino da educação física, na educação de jovens e adultos, caminhando para possíveis transformações.

Ao defrontar com um problema onde o objetivo primordial é à superação e emancipação, através da indagação, o contato direto com o objeto de estudo se transformou como ponto central para a concretização eficaz e benéfica do processo. A pesquisa-ação entrou no diálogo, de acordo com Thiollent (2002) como:

Um tipo de pesquisa social que é realizada em estreita associação com uma ação ou com ação de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativos e participativos (p.14).

O trabalho nos trará a capacidade de compreender a contextualização histórica de forma sucinta, da educação de jovens e adultos, da educação e da educação física. Proporcionando a reflexão de como foi a sua construção e as influências que esta modalidade no período contemporâneo incorporou das características e aspectos históricos.

A conjuntura contextual da metodologia utilizada foi à categoria trabalho coletivo como método de pesquisa e de ação pedagógica dentro do âmbito escolar. Pois as pesquisas na perspectiva do trabalho coletivo buscam uma ação deliberada de mudança do contexto, defendendo a utilização do duplo sentido, transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações.

As reflexões críticas acerca da realidade, parte da análise da situação da educação física na educação de jovens e adultos, a partir da legislação, caminhando a discussão da importância do estudo da cultura corporal na educação de jovens e adultos. Ressaltando o contexto sócio-cultural dos alunos, construindo um perfil do alunado e suas impressões sobre a disciplina. Incluindo a identificação dos principais problemas e dificuldades na prática pedagógica, proporcionando uma reflexão de alternativas ao ensino da educação física, na educação de jovens e adultos.

Contextualizando a educação de jovens e adultos e a educação física na educação brasileira.

No Brasil, desde os jesuítas, a educação esteve voltada aos interesses da classe dominante. As conseqüências deste tipo de educação histórica e excludente vêm gerando um processo de desistência dos alunos na vida escolar, uma baixa qualidade de ensino e uma grande dívida do sistema educacional com a sociedade brasileira.

Dentro da perspectiva histórica a educação vem sendo desenvolvida para atender a duplos interesses. Gadotti (2001) vai afirmar que,

os jesuítas desprezaram a educação popular. Por força das circunstâncias tinham de atuar no mundo colonial em duas frentes: a formação burguesa dos dirigentes e a formação catequética das populações indígenas. Isso significa :a ciência do governo para uns e a catequese e a servidão para outros .Para o povo sobrou apenas o ensino dos princípios da religião cristã (p.65).

Diante de tal contexto histórico, político, social e cultural, emergia a necessidade de um tipo de educação que poderia suprir os problemas e as dificuldades que afetavam os sujeitos e o desenvolvimento da sociedade. Um dos problemas que afligia e aflige ainda hoje, especialmente aqueles vinculados aos interesses do mercado de trabalho, era o número de analfabetos existentes no contexto social do Brasil.

No início do século XX, face às novas ordens políticas e econômicas, a maioria das pessoas da classe popular se vê obrigada, pela necessidade de sobrevivência, em largarem à escola e ocuparem em atividades produtivas ou ocupacionais salarizados. Para Machado (1997).

O Sistema Educacional Brasileiro experimentou diversas modalidades de atendimento a esta clientela, sendo mais conhecidas as campanhas de erradicação ao analfabetismo até a década de 50; o ensino supletivo de 1º e 2º graus, principalmente nas décadas de 70 e 80, e mesmo o ensino regular noturno dos últimos 17 anos, que não têm dado respostas satisfatórias às necessidades destes alunos (p.13).

Denominada como modalidade, a educação de jovens e adultos, contemporaneamente também conhecida como E. J. A, tem como principal objetivo atender a uma determinada classe social. Segundo Rodrigues (2000) esta modalidade,

Surgiu para atender a um número significativo de pessoas que não conseguiam (e ainda não estão conseguindo) concluir o ensino fundamental na idade escolar apropriada nos cursos diurnos. São de mandatários da EJA aqueles que não tiveram acesso a escolarização na idade estabelecida, os que foram reprovados consecutivamente, os que evadiram os que necessitam trabalhar no diurno para se manterem

Com esta visão foram criadas ações e várias campanhas que auxiliassem no caminho de diminuição da taxa de analfabetismo.

Após a lei (9394/96), esta modalidade começa a ser inserida em discussões e debates não mais como um tipo de educação descompromissada, mas com uma visão progressista. Uma educação problematizadora, conscientizadora, em busca da autonomia e liberdade dos sujeitos e pautada de vários desafios.

Temos a consciência que o avanço foi grande desde a sua origem, mas não devemos parar de buscar alternativas para o melhoramento da escola como locus social capaz de construir sonhos ao sujeito-cidadão, onde o aluno tenha acesso garantido, permanência e a possibilidade de produzir conhecimentos (sujeito do processo de aprendizagem) no espaço da escola.

A educação física como prática educacional, inserida no nível da educação básica e na modalidade de educação de jovens e adultos, foi estabelecendo-se historicamente no âmbito escolar, de acordo com as demandas e interesses da sociedade capitalista, representada pela hegemonia burguesa.

A escola pensada na perspectiva de transformação da realidade construída, denominada de conflito, procura garantir uma gestão democrática; adotar o exercício dos direitos e deveres políticos, civis e sociais; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva; contribuir para a melhoria do meio; desenvolver o conhecimento e o sentimento de confiança nos alunos em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, e inter-relação pessoal, de inserção social e utilizar as diferentes linguagens: verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal.

Acredito que a tendência da pedagogia do conflito já se encontra em elaboração, dentro de alguns traços na educação física brasileira. A partir dos anos de 1980 é inegável que as tendências de educação e da educação física incorporam valores de uma pedagogia de conflito. Como afirma Bracht (1997).

No início da década de 80, o modelo começa a ser questionado mais radicalmente. As mudanças mais significativas que derivaram desta crítica dizem respeito a um novo paradigma no entendimento do movimento humano ou do corpo. O movimento não é mais entendido como o deslocamento de um objeto no tempo e espaço, mas sim como um movimento do homem em direção a transcendência (p.47)

Uma orientação pedagógica que destacaremos é a crítico-superadora. Entre as características específicas mais importantes destacam-se algumas fases, na perspectiva do Coletivo de Autores (1992).

A diagnóstica por que pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor sobre elas. Este juízo é dependente da perspectiva de quem julga, por que os valores nos contornos de uma sociedade capitalista são de classe. É judicativa porque julga os elementos da sociedade a partir de

uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social. Essa pedagogia é também considerada teológica, pois busca uma direção, um alvo de onde se quer chegar, dependendo de classe de quem reflete (p.25)

Ao pensar uma prática pedagógica crítica dentro da educação de jovens e adultos, a tendência Crítico-Superadora, parte do trabalho coletivo e da própria experiência do aluno, como meio de formação humana. De um sujeito que possui capacidade de compreender a realidade, refletir sobre ela e pensar propostas de ações políticas, através de um processo de problematização e conscientização nos aspectos que permeiam a cultura corporal.

Derrubar as barreiras impostas pela legislação, as tendências e as práticas pedagógicas alienantes é um desafio para a educação física escolar. Todos que estão envolvidos no processo devem estar dispostos a apoiar a transformação, e acreditar que a mudança é possível, como ressalta Freire (1996).

Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar (p.77).

Acredita-se que o homem da educação de jovens e adultos é o trabalhador, nesse caso, pela lógica capitalista, é todo aquele sujeito que vende a sua força (energia) corporal para a produção de riquezas, o seu corpo é apenas uma máquina de produzir bens, cujas necessidades de consumo e de descanso físico só têm relevância para produzir mais e com maior eficiência.

Ao começar a discutir a relação da cultura corporal com a educação de jovens e adultos, analisemos o contexto dos sujeitos que ali se inserem. Pois para Freire (1996).

Como professor, é preciso me mover com clareza acerca de minha prática, preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho (p.68).

Conhecer quem são os alunos inseridos nesta modalidade, seus aspectos e características sociais, culturais, políticos e econômicas, nos mostra com maior clareza a direção a ser dada no desenvolvimento da prática docente.

Os sujeitos da EJA.

Ao caracterizar o aluno da EJA, na sua conjuntura de totalidade social, econômica, familiar e cultural, Carneiro (1998), separa os sujeitos que se insere nesta modalidade de ensino em grupos diferentes,

Esta população de necessidade de atendimento educacional tardio se distribui em três grupos bem distintos: Primeiro aqueles reconhecidamente analfabetos segundo, aqueles que foram à escola, passaram ali pouco tempo e, portanto, não tiveram tempo de sedimentar o que haviam superficialmente aprendido. São os analfabetos funcionais: terceiro aqueles que estiveram na escola em momentos intermitentes. Todos estes carecem de uma política própria de atendimento, capaz de lhes conferir os meios adequados para a superação ou da escolarização que não ocorreu ou que ocorreu de forma inadequada (p.115).

Os sujeitos analisados, segundo esta concepção acima, se incluem no grupo dos analfabetos funcionais: sujeitos que pararam os seus estudos no mínimo há dois anos, com a leitura e escrita dominada, mas inseridos naquele locus como "semi-analfabetos", sabem ler e escrever o aspecto simbólico das palavras, mas ainda não desenvolvida para um processo de sistematização aprofundada. Constituído de jovens e adultos, de 16 até 60 anos.

Em relação dos alunos 57% vieram de outros municípios, principalmente do interior, trazendo consigo costumes e culturas diversificadas que podem intervir diversificadamente na construção do processo de ensino aprendizagem.

É importante destacar que as mulheres apresentam concepções de educação física e de educação diferentes dos homens. As mulheres observam a educação física como uma possibilidade de terem um corpo perfeito e saúde. Os homens, por sua vez, olham a educação física como uma forma de aumentar o preparo físico e a prática de esportes.

Nas turmas de educação de jovens e adultos há uma comunidade bastante diversificada, a maior predominância é de adultos, mas a presença de jovens nesta modalidade vem ampliando cada vez mais. Alguns alunos mais idosos reclamam da presença dos jovens por atrapalharem o andamento da aula, esta seria mais uma das dificuldades presentes nesta modalidade.

A desistência escolar está relacionada principalmente a influência familiar, no caso da mulher, a maioria é impedida de estudar por causa do casamento, devido uma gravidez precoce ou pelo próprio trabalho.

Ao contrário do que se pensa, a atual conjuntura demonstra que grande parte dos alunos, ditos trabalhadores, estão no quadro de desempregados, jovens a procura do primeiro emprego, ou alunos (maiores de 21) que perderam emprego e procuram seu reingresso ao mercado de trabalho. Em relação aos alunos inseridos no mercado de trabalho, constatamos que as suas atividades, na maioria das vezes não respondem aos seus interesses.

O trabalho na vida destes alunos-trabalhadores em vez de contribuir na sua formação como ser humano no sentido de sua totalidade, acaba sendo um problema ligado ao mundo da sobrevivência imediata e, assim, o trabalho como forma de obter lucro e exploração da força (energia) do trabalhador se resume ao processo de alienação e a exclusão da riqueza produzida socialmente.

A escola como locus de relação do conhecimento com o trabalho e a cultura passa a ser substituída por estes alunos por representar papel insignificante para o ser humano nesta luta pela vida, ponto que não é discutido pelos professores na escola.

Ao iniciar nesta modalidade, contraditoriamente já que o próprio trabalho também os expulsa da escola, os alunos não traça os seus objetivos em função a produção de conhecimentos para sua emancipação e ampliação de sua visão de mundo, mas para o término em um curto tempo possível para a entrada no mercado de trabalho.

Ao sentar-se na carteira, em face de discriminação e a sensação de incapacidade, a maioria dos alunos durante as aulas mostram-se desanimados e desgastados pelo cansaço físico e mental.

Quando inseridos no mundo do trabalho, os alunos não sentem prazer no exercício de sua atividade e aí buscam a escola como locus de idealizações. Olham para a EJA como meio de ascensão de uma melhor perspectiva de vida. Outra concepção percebida em minoria é visão de uma atividade somatória para o seu bem estar que contribui na sua formação humana em sua totalidade.

Já em relação a educação física é mal compreendida e o nível de desconhecimento dos alunos acerca de uma visão progressista é visível. O desafio posto

é pensar dialeticamente com os alunos no sentido de formar um conceito de corpo-sujeito, capaz de ir além do conhecido para desmitificar as dicotomias existentes na educação física escolar entre corpo e mente e teoria/prática, através do estudo da cultura corporal como linguagem.

Educação física na EJA: Uma prática pedagógica de desafio.

Educação é um ato interessante e visa provocar mudanças nos seres humanos e, conseqüentemente, em contextos sociais por meio de uma prática efetivada de forma coletiva. A educação escolar é uma prática social que colabora tanto para a manutenção do status quanto para encontrar brechas para uma práxis pedagógica transformadora.

Se a escola é um lócus de produção do saber cujo objetivo maior é de educar, cabe, então, ao professor estar em constante reflexão de sua práxis pedagógica, compatível com os sujeitos inseridos no contexto, e lutar para que ocorra uma participação efetiva na construção de aprendizagens significativas que mudem o comportamento e a produção de conhecimentos e saberes para além da simples reprodução de idéias capitalistas.

A organização do trabalho pedagógico parte de uma visão macro, ou seja, a construção da escola e de sua proposta articulada com as relações sociais, econômicas, políticas e culturais da sociedade.

Durante a pesquisa, a construção dos conteúdos partiu da própria prática social dos alunos e formalizou-se através do trabalho coletivo (alunos-professores) nas aulas de educação física sob a forma de temas geradores. A problematização dos conteúdos e da própria aula de educação física foi o ponto de partida sobre a prática educativa naquele ambiente. “Qual a sua visão sobre a disciplina?”, “O que significa educação física para você?”. “Quais as palavras que estão relacionadas?”. O professor procurará criar condições para que juntamente com os alunos, a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem. (MIZUKAMI,1986,p.99).

No primeiro contato com os alunos é importante explicitar as propostas, os conteúdos, os seus objetivos gerais, os métodos, sua visão de mundo e o tipo de sociedade que defende e almeja. Para que os sujeitos ali inseridos tivessem consciência de como lidar com os temas e desafios propostos pelo professor no sentido clarear a prática pedagógica em função do processo de ensino-aprendizagem mais adequado.

O professor ao entrar em contato com a realidade de sala de aula deve, em primeiro lugar, ter em mente que o processo de trabalho da educação física dentro da escola não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas como práticas esportivas ou recreação, mas ampliar as perspectivas de vida destes sujeitos através da conscientização da importância da aprendizagem corporal, sua necessidade, utilidade e valor cultural.

Para Luckezi (1998) os professores têm um papel importante neste contexto.

Se todos os professores deste país desenvolverem, com proficiência a sua atividade profissional, estaremos dando um grande passo no sentido de possibilitar as nossas crianças, jovens e adultos condições de crescimento, terão pelo menos uma razão para ali permanecerem em função de um trabalho que lhes demonstre o significado e o prazer do seu próprio desenvolvimento (p.121).

As principais falhas neste tipo de educação têm a ver com a falta de tempo pedagógico para os professores atingirem os objetivos da grade curricular, como relata o

aluno 17 “o período de tempo é curto, então os professores correm com o conteúdo, pois não dá para estudar tudo que é necessário”. Para a resolução desta problemática seria importante reavaliar a reestruturação do tempo curricular elaborado pelo professor, sem ferir as características de um currículo ampliado de formação cultural.

A pesquisa constata que os conhecimentos que emergiram da própria experiência dos alunos, na maioria das vezes, eram influenciados pelas visões neoliberais, pela tradição e pelo senso comum¹. A transformação das concepções de educação física instauradas pelos alunos tornou-se ponto de partida para que eles entendessem o processo historicamente construído, as possibilidades de transformação e, conseqüentemente, que eles poderiam ser sujeitos ativos desta transformação.

A relação professor-aluno é o caminho mais importante para a aquisição do conhecimento. Os alunos ao participarem da construção se sentem sujeitos participantes e ativos do processo de ensino-aprendizagem temos como conseqüência, a possibilidade de avançar no processo de conscientização.

Mizukami(1986) explicita que na perspectiva freiriana.

A verdadeira educação consiste na educação problematizadora, que ajudará a superação da relação opressor-oprimido. A educação problematizadora ou conscientizadora, ao contrario da educação bancária, objetiva o desenvolvimento da consciência critica e a liberdade como meios de superar as contradições da educação bancária. Educador e educando são, portanto sujeitos de um processo que crescem juntos (p.97-98).

No caso da educação física, parece que as falas estão denunciando aquele professor que se orienta pela visão biológica de corpo sem levar em conta a cultura e as diferentes expressões da sociedade. Sua prática acaba por torná-lo vítima da tradição (saúde e competição) ou simples técnico reprodutor de modismo (corpolatria).

O Coletivo de Autores (1992) oferece algumas dicas:

É necessária a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isso quer dizer que cabe a escola promover a apreensão da pratica social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela (p.63).

A prática pedagógica da educação física no ensino de jovens e adultos precisa superar a perspectiva compensatória da educação dos trabalhadores. Uma simples atividade recreativa, aonde os alunos irão para a quadra realizar atividades lúdicas/lazer porque estes alunos não tem acesso a esta manifestação cultural ou praticar exercícios de alongamentos através da ginástica laboral, sem as necessárias reflexões sobre a prática social e a vida dos alunos e seus corpos, parece não ser o que esperam os alunos entrevistados.

Segundo Gasparin (2003).

O processo pedagógico deve possibilitar aos educandos, através do processo de abstração, a compreensão da essência dos conteúdos a serem estudados, a fim de que sejam estabelecidas as ligações internas específicas desses conteúdos com a realidade global, com a totalidade da prática social e histórica. Este é o caminho por meio do qual os educandos passam do conhecimento empírico ao conhecimento teórico - científico, desvelando os

¹ Todas as discussões e diálogos nas atividades de aula foram sistematizados.

elementos essenciais da prática imediata do conteúdo e situando-o no contexto da totalidade social (p. 7).

Os conteúdos podem ser construídos em forma de temas ao se enquadrarem na linha da cultura corporal e nas dimensões da cultura, estética, saúde e lazer mediado pelo diálogo e pela ação coletiva dá a educação física a condição de ser. De acordo com Coletivo De Autores, (1992).

Uma disciplina que trata, pedagogicamente na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: Jogo, esporte, ginástica, dança, entre outros, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem (p.62).

Concluo ressaltando que cabe aos docentes propor ações e modificações da realidade da escola, que se mostra carregada de problemas e, particularmente da educação física, que deve se reorientar pela práxis pedagógica como ponto de partida para a reflexão de uma nova prática, para a formação do ser humano na sua pluralidade superando aspectos negativos que perpassa o ambiente escolar.

Um Novo Ponto de Partida.

O primeiro passo para uma prática pedagógica na E. J. A, é a delimitação de uma orientação pedagógica dentro do âmbito teórico da educação. Depois de uma breve revisão teórica, delimito a pedagogia freiriana como eixo orientador para a prática como professor-pesquisador, já que parte das experiências sociais e culturais e conhecimentos sobre a cultura corporal dos alunos, para a construção dos conhecimentos nas suas várias dimensões.

No referente trabalho, os sujeitos foram denominados de alunos/trabalhadores, caracterizados como desempregados, trabalhadores informais, ambulantes, jovens a procura de emprego e uma minoria de trabalhadores formais, ou seja, com carteira assinada. Alunos de grande diversidade cultural, pois vieram de realidades distintas, com idades que variam de 16 a 60 anos, trazendo consigo conhecimentos importantes que devem ser levados em consideração.

Na construção dos dados, a realidade emerge importantes contribuições para a análise da idéia do que seria um professor, uma das que mais chamam a atenção: *“O respeito aos conhecimentos do aluno, diálogo, ausência de discriminação, respeito às diferenças existente, proporcionar a reflexão e compreensão da realidade, curiosidade, criticidade, empenho em seus objetivos, saber escutar, domínio dos conteúdos, alegria, objetivos claros, boa expressão e olhar o aluno como sujeito capaz de ir além do conhecimento ensinado.”*

Porém, alertamos que se mantivermos a visão que o objetivo principal é formar alunos-objetos para serem inclusos no mercado de trabalho, todas as práticas pedagógicas na mais progressista que seja, terão uma tendência em alienar estes sujeitos aos ditames da indústria corporal capitalista, transformando o ser humano em máquinas a serviço do sistema, com o comprometimento de uma formação humana desalienada a transformação.

Os alunos ao procurar a EJA, têm como objetivo primordial terminar os estudos no menor tempo possível, pois a ideologia do mercado cobra rapidez na formação, mas

por outro lado, não oferece à todos o emprego sonhado e, assim, acaba culpando-os pela sua situação econômica, cultural e política onde está inserido.

Ressaltamos que os temas geradores decorrentes da vida dos alunos (sociedade capitalista) e da cultura corporal (práticas e linguagens), ao serem problematizadas constroem saberes que, além dos processos de sistematização de conhecimentos científicos, técnicos e culturais, promovem a formação humana de um tipo diferenciado do que se faz hoje na escola.

Em nossa compreensão a cultura corporal é um campo de conhecimentos que envolvem não só jogos, esporte, brincadeiras, ginástica, danças, mas o lazer, a saúde e o corpo em diferentes perspectivas e sob a forma de amplas vivências, por isso, ao enfatizá-los na aprendizagem do aluno o universo se torna mais amplo do que apenas competir nos esportes ou falar simplesmente de saúde.

Este desafio não se finaliza aqui, pelo contrário, começou para o pesquisador, para os alunos que passaram por esta experiência na EJA e na escola envolvida, pois novas relações e compromissos foram colocados para o ensino da educação física e para a própria educação de jovens e adultos.

Acreditamos que para iniciar uma mudança no ensino da educação física no ensino noturno, especificamente na educação de jovens e adultos, os professores e acadêmicos devem mudar suas práticas no sentido de promover uma ação pedagógica voltada para mudanças da realidade educacional e da sociedade que temos. Não basta ensinar, não basta dominar o saber a ser ensinado e nem ser um professor-pesquisador que defenda os interesses da classe trabalhadora, se não damos voz aos alunos (sujeitos do processo educativo) para que eles assumam a responsabilidade de uma práxis dedicada às mudanças da escola e da vida social de forma consciente e autônoma.

Referências

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Ação cultural para a liberdade*. 9ª, Paz e Terra (O mundo, hoje, v. 10,)2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, 17ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- NOVOA, Carlos Alberto Torres. *Diálogo com Paulo Freire*. Edições Loyola (Coleção Paulo Freire). São Paulo. 1979.
- SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. 29 ed. Campinas SP. Autores Associados, 1995.
- FREITAS, Luiz Carlos. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas. Papirus, 1995.
- GASPARIN João L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP. Autores Associados, 2002.
- MIZUKAMI, Maria Da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. Coleção temas básicos de educação e ensino. Ed. E.P.U. 1986.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições*, 08.Ed - São Paulo: Cortez, 1998.
- VEIGA, Ilma passos. *Escola: Espaço do projeto político pedagógico*. 5ª edição. Editora papirus. 1998.
- CARNEIRO, Moaci Alves. *LDB fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo. Cortez, 1992.

- CASTELLANI, Filho Lino. *Política Educacional e Educação Física*. Campinas, SP. Autores Associados, 1998.
- CASTELLANI, Filho Lino. *Educação Física no Brasil: A História que não se conta*. 14. ed. Campinas-SP: Papyrus, 1986.
- CASTELLANI, Filho Lino. *Pelos meandros da educação física*. Revista Brasileira de ciência do esporte.1993.
- SOARES, Carmem Lucia. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas, SP. Autores Associados, 1994.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. 2.ed-Porto Alegre: Magister.1997.
- MEDINA, J.P.S. *A educação física cuida do corpo e mente*. Ed.Papyrus. 1994
- DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas, Papyrus, 1995
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. *Consenso e conflito da educação física*.Ed.Shape, 2005.
- DUCTUR, Lusirene Costa Bezerra. *Em Busca de indivíduos autônomos nas aulas de educação física*. Campinas ,SP:Autores associados,2004.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa- Ação*. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1985.
- DAVID, Nivaldo A N. *Contribuições do método participativo para a capacitação de professores de Educação Física escolar*. Revista Pensar a Prática. Goiânia. FEF/UFG. CEGRAF, 1998.
- MACHADO, Maria Margarida. *Política Educacional para Jovens e Adultos: A Experiência do PROJETO AJA (93/96) na Secretaria Municipal da Educação de Goiânia*.Dissertação de mestrado em educação -UFG.1997.
- RODRIGUES, Maria Emilia de Castro. *A prática do professor na educação de adolescentes, jovens e adultos: A experiência do projeto AJA de Goiânia-Go*.Dissertação de mestrado em educação UFG. Goiânia-Go.2000.